

CINEMATECA PORTUGUE SA-MUSEU DO CINEMA
TIJOLOS E ESPELHOS - O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955-2015)
PARTE II – DEPOIS DA REVOLUÇÃO
13 e 29 de Março de 2023

NAKHODA KHORSHID / 1987

“Capitão Khorshid”

um filme de Nasser Taghvai

Realização, Montagem: Nasser Taghvai / Argumento: Nasser Taghvai a partir de *To Have and Have Not* de Ernest Hemingway / Direcção de Fotografia: Mehrdad Fakhimi / Música: Freydu Naseri / Interpretação: Dariush Arjmand (Capitão Khorshid), Ali Nassirian (Farhan), Parvaneh Masoumi (mulher de Khorshid), Saeed Poursamimi (Maloul), Fathali Oveisi (Coronel).

Produção: Pakhshirah Corp., The Peiman Film Group (Irão, 1987) / Cópia: em ficheiro, cor, falada em persa, legendada electronicamente em português / Duração: 114 minutos / Estreia no Irão: 1987 / Estreia internacional: 3 de Agosto de 1988, Festival de Locarno (Leopardo de Bronze) / Título inglês: *Captain Korshid* / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

Como escreveu Ehsan Khoshbakht no texto introdutório do programa, se grande parte dos filmes realizados depois da revolução islâmica de 1979 no Irão quando vistos a partir do estrangeiro davam a ideia de que depois da conquista do poder pelos islamistas “o cinema iraniano se resumia agora a histórias de sobre crianças de grupos desfavorecidos e minorias”, na realidade havia um cinema que seguia noutras direcções. **Nakhoda Khorshid / Capitão Khorshid** é o exemplo apontado por Khoshbakht relativo a essas outras vias, destacando assim o interesse do cinema de Taghvai e deste filme em particular, que realizou este “thriller” no sul do Irão, numa zona devastada pela guerra. Uma obra afastada assim de uma tendência considerada dominante, realizada por um dos autores mais desconhecidos da Nova Vaga iraniana.

Capitão Khorshid destaca-se desde logo por partir de uma obra de Ernest Hemingway, *Ter e Não Ter*, cuja adaptação mais conhecida no cinema é a de Howard Hawks (**To Have and Have Not**, 1944), com Lauren Bacall e Humphrey Bogart nos principais papéis. E se Hawks deslocou a história de Cuba para a Martinica francesa, Nasser Taghvai deslocou-a para o Golfo Pérsico, sendo que ambos os filmes são adaptações muito livres da obra de Hemingway. Poderemos encarar este filme de Taghvai como mais uma demonstração da proximidade do cinema iraniano com a literatura, seja ela nacional – vários filmes que exibimos partem de obras literárias suas contemporâneas de importantes autores persas –, como estrangeira. Alguns dos cineastas cujos filmes já foram mostrados, dedicaram-se em paralelo à escrita, como é o caso de Nasser Taghvai, mas também de Ebrahim Golestan, também ele escritor e tradutor de autores norte-americanos para persa como o próprio Hemingway ou Mark Twain. Tendo nascido em 1941 (cerca de vinte anos depois de Golestan), Taghvai começou a sua carreira enquanto autor e editor de contos, muito influenciado pelo estilo de escrita de histórias de Hemingway, que estaria ainda na base de uma obra por si editada. Como Golestan, e vários dos seus companheiros (Dariush Mehrjui, Ebrahim Mohhtari,...), o seu início no cinema ficaria associada ao documentário e a um conjunto de títulos curtos que realizou ainda antes da revolução islâmica, sendo mais tarde lembrado como o retratista das franjas da sociedade e Teerão, para lá de ter realizado nos anos setenta dois

importantes filmes etnográficos, ambos filmados na zona do Golfo Pérsico. A sua primeira longa-metragem ficcional, **Aramesh dar Hozur-e Digaran / "Tranquilidade Diante dos Outros"**, data de 1971, e é já uma meditação sobre a corrupção contada por general do exército, a que se seguiu uma intensa actividade no cinema e na televisão.

Se os filmes dos anos sessenta e setenta de Nasser Taghvai passaram um pouco despercebidos para grande parte dos espectadores, **Capitão Khorshid** significou o seu reconhecimento como um dos nomes mais importantes iraniano de então, a que não foi estranho o Leopardo de Bronze que conquistou em Locarno. A história situa-se em meados do século XX e centra-se no quotidiano do capitão de um barco que ganha a vida com contrabando no Golfo Pérsico. Com um passado pouco claro, o capitão é um homem solitário que enfrenta o problema de vir a ter o seu barco confiscado pelos oficiais da alfândega devido a uma denúncia. Uma intriga associada a um malogrado transporte de tabaco contrabandeado, que acaba queimado e deixa o Capitão à beira da ruína, devido à intervenção de um barão do crime local, que se dedica ao negócio de pérolas. É neste contexto de uma situação económica-limite que o Capitão aceita transportar um grupo de fugitivos políticos para fora do país e posteriormente um bando de perigosos criminosos.

O argumento escrito pelo próprio Taghvai é bastante complexo e as personagens também. Pense-se na personagem do Capitão, que é de alguma forma um grande exemplo de uma certa apetência do cinema iraniano por “anti-heróis” com uma maior espessura do que os heróis habituais no cinema mais comercial. Um anti-herói que habita uma região inóspita para onde são enviados criminosos, cuja natureza dos crimes não percebemos bem, nem o porque estão ali. Um homem a que antes a polícia terá privado de uma mão, que no fundo representa uma crítica a uma sociedade pobre e minada corrupção, em que só com pequenos expedientes é possível sobreviver. É muito curiosa a sequência inicial em que um forasteiro desembarca no cais e que, depois de confundido com outra pessoa, é conduzido por Maloul a um suposto hotel pejado de criminosos através de uma terra em ruínas transformada numa cidade-fantasma. Os escombros prováveis de uma guerra recente, que assim é incorporada no filme, e que o visitante associa a um terramoto.

Os constrangimentos impostos pelos líderes religiosos à representação das mulheres no cinema iraniano, ou as retiraram pura e simplesmente de cena, ou devolveram-nos imagens muito alteradas. Ausentes de **Capitão Khorshid** – a mulher do Capitão poderia ter obviamente uma maior espessura, mas o total velamento do seu rosto não ajuda a que tenha outro papel. Como escreveu Hamid Naficy no seu artigo “Islamizing Film Culture in Iran: A Post-Khatami Update” (*in The New Iranian Cinema, Politics, Representation and Identity*, ed. Richard Tapper), esta intromissão do poder político “distorce a imagem dos retratos de família e das relações amorosas, e relega as mulheres para uma posição marginal no cinema iraniano”. E Hamid Naficy cita o próprio Nasser Taghvai a propósito do que foi excluído do cinema iraniano depois da revolução islâmica: “Os problemas com a representação das personagens das mulheres tornou impossível que realizássemos um filme sobre a era Pahlavi. Não podemos mostrar à vontade a relação entre um homem e uma mulher, uma irmã e um irmão, nas ruas ou em casa, representar qualquer relação de sangue ou casamento.” Frase várias vezes citada a propósito do facto das mulheres nos filmes serem obrigadas a ter o rosto sempre velado, o que as afasta do próprio cinema, uma arte em que deixam de ter lugar face à forte censura vigente. Censura essa que se estende aos próprios temas dos filmes e ao modo como são feitos, e a que não é alheia a proliferação de tantos filmes que adaptam obras literárias pré-existentes, também como modo de fugir aos censores que tanto têm condicionado a liberdade da sociedade e do cinema iranianos.